

Discurso na cerimônia de lançamento do carimbo alusivo aos 50 anos do livro "Geografia da fome", de Josué de Castro, no âmbito das comemorações do dia da alimentação e dos 50 anos da FAO

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 14 DE OUTUBRO DE 1996

Senhor Ministro Jatene, da Saúde; Senhores Ministros de Estado que se encontram aqui; Senhora Secretária-Executiva do Comunidade Solidária, Dona Anna Maria Peliano; Doutor Egydio Bianchi, Vice-Presidente dos Correios; Senhora Ana Maria de Castro; Senhores Membros do Comunidade Solidária; Senhoras e Senhores;

A mim me apraz imensamente poder, pelo menos simbolicamente, manifestar a gratidão do Brasil a Josué de Castro. Essa iniciativa do Ministério da Saúde e esse apoio dos Correios têm muito cabimento. São 50 anos da publicação da *Geografia da Fome*.

Talvez hoje não se tenha a noção exata do que significou esse livro, bem como o *Geopolítica da Fome*. Esse livro foi o que os americanos chamam *breakthrough*: foi uma abertura inesperada na opinião científica mundial, porque ele dizia com clareza, simplicidade e consistência algo que se sentia, mas que não se tinha, realmente, organizado de maneira que passasse pelo teste científico, em que a relação direta da fome com a desnutrição também é a da desnutrição com o

subdesenvolvimento e com a miséria, e que esse círculo vicioso tinha que ser rompido.

Foi Malraux quem disse que, no próximo século, se alguns poucos livros poderiam ser lembrados, certamente esse seria um desses livros. E é verdade. Os mais velhos entre nós – não digo o Ministro Jatene, que é mais moço que eu – ainda temos muito presente o que significou tudo isso e o que significou, realmente, a força de Josué de Castro, que não foi só um autor, foi um lutador, um homem que simbolizava toda uma postura muito positiva, de transformação do Brasil e que ecoou profundamente pelo mundo afora. Ecoou tanto que foi punido, num dado momento em que todos aqueles que propuseram um mundo melhor, naquela ocasião, eram suspeitos.

Pois bem, de lá para cá, as coisas, como disse o Ministro Jatene, foram se alterando, em parte por causa da incorporação de preocupações como as que Josué de Castro colocou com tanta força, no seu momento.

Hoje, a contribuição dele é tida e havida como clássica. O Ministro do Trabalho, Paulo Paiva, me disse que ele terá sido, talvez, o único geógrafo que foi ministro – eu não sabia que ele era geógrafo. Não sou geógrafo, mas fui aluno de geografia do Haroldo de Azevedo e me recordo muito dos debates imensos que se travavam ao redor da contribuição do Josué de Castro e o impacto enorme que teve.

Pois bem, em função disso, e não só disso, naturalmente, hoje existe já uma consciência muito grande da questão da fome e da necessidade de que haja um combate eficaz e efetivo à fome.

Eu disse, tantas vezes, que o Brasil é hoje um país injusto, muito mais do que subdesenvolvido, porque nós atingimos um estágio de desenvolvimento que não nos pode deixar tranquilos, com o grau de desigualdade na renda e de pobreza, sobretudo de pobreza absoluta, que ainda existe entre nós.

Isso é que é o nosso desafio, que o Ministro Jatene tem enfrentado com tanto empenho na área de atuação dele, e o Governo, no seu conjunto, tem se empenhado para que as coisas possam se transformar. É verdade que há um movimento, no mundo, de di-

minuição das deficiências calóricas. Provavelmente, na época da publicação desse livro, metade da população podia ser considerada como tendo deficiência calórica e uma parte dessa metade passava fome.

Hoje, isso já se reduziu bastante, e é preciso que se reduza ainda mais. O Ministro Jatene mostrou – não preciso repetir os dados que ele deu, até porque não saberia fazê-lo com a precisão que o Ministro Jatene tem para guardar eventos, números e fatos – como é notável o progresso que está havendo. O que não nos consola. O fato de nos regozijarmos porque estamos avançando não significa que estejamos contentes com o avanço. Queremos mais. Acho que isso é que é o próprio de uma sociedade aberta e democrática. As pessoas querem sempre um patamar a mais de bem-estar, e de bem-estar para aqueles que são os que mais necessitam.

Ainda temos uma massa de excluídos muito grande no Brasil e precisamos reduzir, com energia, o número desses excluídos. Só há uma maneira eficaz de fazer isso: é ter um crescimento que seja respeitador não só do meio ambiente, mas também das conseqüências sociais que ele acarreta; e, portanto, que não leve à concentração crescente de renda.

Apraz-nos, e muito, o fato de que, com o Plano Real, como disse o Ministro Jatene, com essa estabilização a que nos propusemos, ao contrário do que os céticos sempre diziam – e até torciam –, o efeito foi de diminuição da concentração de renda e de aumento do consumo da população mais pobre.

Nunca concordei com um programa de estabilização que tivesse como objetivo simplesmente a estabilização e que jogasse o peso da estabilização nos ombros dos mais pobres e dos trabalhadores. Os dados todos, hoje – todos – sublinham e mostram que o que está acontecendo no Brasil é precisamente a estabilização com o aumento de consumo, com o aumento da renda e até mesmo, o que nem nós esperávamos, com a diminuição da diferenciação de renda; ou seja, os grupos que menos ganham estão ganhando um pouco mais e os que ganhavam muito deixaram de ganhar tanto, embora continuem ganhando

muito, e ainda seria preciso avançar muito no que diz respeito à melhoria dos padrões de distribuição de renda no Brasil.

Os caminhos são conhecidos para que se possa combater a fome, a desnutrição, e para que se possam combater as desigualdades regionais e sociais. Esse programa do Comunidade Solidária que recorre à experiência do Consea tem abrangência muito grande. O Ministro Jatene citou boa parte do que o programa tem feito. Se me permitem, quero dizer que estão sendo atendidas, neste momento, mais de 2 milhões de mães e crianças desnutridos, que recebem leite diariamente. Temos 32 milhões de brasileiros que recebem merenda escolar. Não é inovação, é uma continuação; mas é muita coisa.

Então, todas as vezes que cito esse número para visitantes estrangeiros, eles se assustam. Todos os dias, 32 milhões de crianças recebem merenda! E nas áreas cobertas pelo Comunidade Solidária se dobra a oferta de merenda. É preciso sustentar com mais empenho tudo isso. O Ministro Jatene disse, e é verdade, que eu tenho especial interesse no Programa de Agentes Comunitários de Saúde. É verdade: são cerca de 6 milhões de famílias pobres atendidas por esse programa. Esse programa é fundamental, se queremos efetivamente melhorar as condições da população do Brasil. A ampliação desse programa é absolutamente necessária. Sua continuação também é fundamental.

Não podemos esquecer, nesse mesmo esforço, que é preciso levar a criança à escola. Para isso é preciso ter ônibus. Hoje, cerca de 1.000 municípios já têm atendimento razoável aos escolares que utilizam esses recursos. Temos programas que atingem cerca de 3 milhões de crianças mais carentes. E, aí, se dá atenção de maior vulto ainda ao material escolar.

Ora, tudo isso não pode ser feito no isolamento do Governo. O lema do Comunidade Solidária é “Todos por todos”. Ou há parceria e a sociedade participa – o Estado se abre a essa participação e nós criamos mecanismos de controle dentro do Estado, dentro da administração que o Comunidade Solidária faz através de sua Secretaria-Executiva para acompanhar esses programas e motivar com eles – ou não há mudança efetiva. Mudança ou é um processo que abrange a

todos através da motivação e do controle, ou ela não ocorre. Aqui no Brasil está ocorrendo.

Evidentemente, nesse processo de mudança, há certos programas que são essenciais para atingir a população realmente mais pobre. E eu destaco o programa do Pronaf, que é o atendimento ao pequeno agricultor, à agricultura familiar, com todas as dificuldades, imensas, digo isso sempre e repito mais uma vez, porque a estrutura do Estado brasileiro não foi feita para atender ao pobre, foi feita para atender ao rico.

Então, não adianta só o Presidente ou um grupo de pessoas de boa vontade quererem. É preciso mudar toda uma mentalidade, criar mecanismos para que, realmente, se possa atender aos mais pobres, ou as coisas não acontecerão. Mas, pouco a pouco, estamos avançando nessa direção, insistindo no Pronaf, que vai ter efeito sobre a condição de vida da população mais carente.

Por todas essas razões, nós vamos nos preparar para uma comemoração, ou, melhor, para uma manifestação importante que vai se organizar em Roma agora em novembro, a Conferência Mundial Sobre a Fome. Temos de nos preparar. Sei que o Comunidade Solidária está preparando aqui, agora, para outubro, suponho eu, um encontro sobre essa matéria. Nós podemos nos apresentar como somos, com os nossos defeitos, mas também com a nossa vontade de mudar e com o que já fizemos. Não adianta só dizer o que não foi feito. É preciso encorajar, é preciso dizer o que foi feito, é preciso dizer o esforço imenso que está sendo feito por um conjunto de organizações neste país, para que as coisas melhorem.

Acho que não pode haver homenagem maior a Josué de Castro do que dizer, de público, que as palavras de alerta que ele inscreveu de maneira muito duradoura na consciência de todos nós continuam ecoando; e que, hoje, não se trata apenas de analisar, mas de transformar. Existem muitos programas, muita motivação, muito esforço já despendido para a situação melhorar.

O Ministro Jatene disse uma verdade, ou seja, que, mantidas as condições de crescimento e de estabilização da economia, quebrado o clientelismo, quebrada a corrupção – e disso também não tenho

dúvida nenhuma –, progressivamente nós vamos incluir mais gente nos nossos programas que vão aumentar o bem-estar da população e reduzir as deficiências calóricas, a mortalidade infantil, enfim, tudo isso que ainda víamos com tanta força recentemente aqui no Palácio do Planalto, quando um grupo de jovens que trabalha no campo veio participar de uma cerimônia para a qual queríamos chamar a atenção dos brasileiros. E viu-se um menino de 15 ou 16 anos – que, certamente, traz para sempre as marcas do que foi sua infância, do que foram seus primeiros anos de vida de subnutrição, pequeno, fraco, mas cheio de vida e de disposição de continuar combatendo – de alguma maneira trazendo, pelo menos pela sua presença, a motivação para que todos também continuemos nesse mesmo caminho.

Terminando, mais uma vez agradeço à Ana Maria a gentileza de estar aqui, de ter trazido o livro de seu pai, e reafirmo que o Brasil é imensamente devedor a Josué de Castro.

Muito obrigado.